616

ANO VI NUM. 37

# EDUCANDO

## Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

MARÇO E ABRIL DE 1945

ARQUIVO PUBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22-VI-28
BIBLIOTECA

# CONSCIÊNCIA DE CLASSE

OS franceses dizem muito bem: "à quelque chose malheur est bon". Os longos anos de sofrimento e de luta do professor primário mineiro serviram e estão servindo para alguma cousa. O ordenado mesquinho atravessando êsses dias de crise, o custo da vida subindo e devorando o dinheirinho parco, a alimentação escassa e má, a vestimenta pobre e insuficiente, os gostos intelectuais insatisfeitos, a participação econômica na vida familial ridiculamente limitada, a inferioridade social, as privações, as renúncias, as amarguras, tudo isso que durou anos e que dura ainda, tem uma única faceta boa, mas essa precisa e luminosa: formar a consciência de uma classe.

Consciência individual e conciência coletiva. Tôda professora primária mineira é um pobre ser que dá todo o seu trabalho, toda a sua atividade pela mais mesquinha das remunerações. E tôdas nós, do sul, do norte, do interior, da Capital sentimo-nos unidas por um laço concreto: a nossa fatal inferioridade econômica.

Na família, na sociedade, no Estado, essa inferioridade é reconhecida e aceita como coisa indiscutível. Somos, por êsse aspecto, como um só bloco, de onde nenhuma se alteia.

Para alguns, somos como heroínas. Para outros, gente inferior, mesmo um pouco ridícula.

Hoje, a democracia reclama o nosso concurso.

Durante todo esse tempo, aprendemos a olhar, com seriedade e compreensão apuradas a organização social que nos rodeia. Tivemos muito sôbre o que meditar. E o resultado dessa meditação, condicionada pela situação comum da classe, tem de ser o mesmo para cada mentalidade e cada coração de professora lutando e sofrendo por todo o território mineiro.

Não precisamos nem mesmo de um toque de reunir. Já estamos unidas e estaremos unidas.

Podemos ler todos os jornais, abrir todos os rádios, ouvir todos os discursos. Consultemos, depois, a nossa própria consciência: e o nosso gesto será o que deve ser. Consciente e sereno. E, o que é mais: será sincero, uníssono, harmônico. Será — sem dúvida alguma — o gesto justo que a Pátria espera de nós.

# EXPEDIENTE

## "EDUCANDO"

*REVISTA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA*

Registrada no DIP sob o n. 14.604

*

*Direção e Redação*
MARIETA LEITE

*Gerência*
LEONILDA S. MONTANDON
ZEMBLA PINHEIRO CHAGAS

Rua Bernardo Guimarães, 2.200
Fone — 2.0267
Colaboradores diversos

*

Assinatura (12 ms.) . . Cr$24,00
Assinatura especial para sócios da Associação Cr$18,00
Número avulso . . . . Cr$ 2,50

*

Caixa Postal, 354
BELO HORIZONTE


## SUMÁRIO


**Consciência de classe** .. .. .. .. .. 875

Um pouco de história — Levindo Lambert.. .. .. .. .. .. .. .. .. .. 877

**Os jogos no Ensino do Catecismo** — Adauto Junqueira Rebouças .... 879

**A Escola e o método de projetos** — Irene de Paula Magalhães .. .. 881

**Conversas de Laboratórios** — O açúcar de uva na respiração — H. Marques Lisboa .. .. .. .. .. 883

**O livro — Instrumento de Educação** — "Livros que ensinam" — "Livros que movem" — Alaide Lisboa de Oliveira .. .. .. .. 887

**O Ensino da Ortografia** — Leonilda S. Montandon.. .. .. .. .. 891

**Educação Física** — Diumira Campos de Paiva .. .. .. .. .. .. .. 895

**O Vale dos Tesouros** — Conto inglês tradução e adaptação de Mariléu .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. 898

**Os livros e aula preleção** — Dos jornais e revistas .. .. .. .. .. 901

# Um pouco de história

Levindo LAMBERT

Especial para EDUCANDO

Lá pelos anos de 1780 e 1783, quando governador das Minas-Gerais d. Rodrigo de Menezes, a vida da capitania foi sériamente perturbada pela ação desenvolvida por uma quadrilha de salteadores denominada "Mantiqueira", que, assentada no flanco meridional da grande cordilheira, interceptava os viajntes em demanda do Rio de Janeiro.

A perigosa "maffia" escolhera de fato a zona de floresta densa e de população rarefeita, justamente para onde, por fôrça de contingência geográfica convergia o trânsito comercial de Goiás e das ricas vilas de Minas Gerais.

Não eram sómente os condutores de diamantes e barras de ouro, que a tôda hora desciam a serra em procura da grande cidade dos vice-reis, mas ricos comerciantes pejados de dobrões de ouro e fartas bruacas de cruzados, que iam às compras na capital da colônia ou que dela regressavm carregados de prendas e mercadorias.

Os viajantes, mesmo acompanhados de pagens e escravos, eram atacados, despojados de todas as suas riquezas e, por fim, assassinados bárbaramente. De tal porte foi a audácia da quadrilha que a estrada, obrigatóriamente batida pelo comércio, ficou deserta ou só era varejada por grupos ou caravanas poderosamente escoltados.

Uma necessidade premente, pois, a perseguição aos bárbaros assaltantes.

E quem consegue, afinal de contas dar remate a essa triste situação?

Nada menos que o alferes Joaquim da Silva Xavier, o futuro herói da Inconfidência Mineira.

De fato. Por êsse tempo, Tiradentes dirigia a abertura de uma picada ligando o caminho da serra aos sertões da Paraíba, hoje denominados Zona-da-Mata, rica e próspera região do leste mineiro.

Ao tomar conhecimento de que rico e nobre comerciante do Tejuco (Diamantina) fôra assassinado na descida da serra, o alferes Joaquim José da Silva Xavier larga os serviços em meio e põe-se à testa das investigações, afim de dar paradeiro de vez aos acontecimentos que assim perturbavam a vida da capitania. Vai então de pesquisa em pesquisa. Esmiúça as redondezas. Inquire rancheiros e vizinhos. Procura, indaga, investiga. Bate a mataria marginal e penetra a floresta densa.

Descobre, enfim, o corpo inumado do rico comerciante e, por essa maneira, apanha os primeiros sinais da tenebrosa companhia. Não descansa daí por diante. Viaja daqui para acolá. Estirões de léguas por estradas e picadas. Em Barbacena quase apanha o fio de tôda a meada: um caboclo, ao receber os últimos sacramentos, confessa, a instância do

alferes, a sua participação nos assaltos, mas nega-se a revelar os nomes do cabecilha e de seus comparsas. Tiradentes, tocado de piedade, invés de extorquir-lhe a todo custo uma confissão completa, prefere não lhe agravar a doença e os padecimentos. E o celerado morre sem deixar maiores esclarecimentos.

E dias e dias, semanas e meses se escoam sem êxitos e sem desfalecimentos. Os assaltos se sucedem. Os viajantes desaparecem sem deixar pégadas. Ninguem se atreve ultrapassar Carandaí...

Mas, as investigações não param. Joaquim José da Silva Xavier organiza diligências e prende suspeitos. Aperta o cêrco aos facínoras. De vila em vila, de rancho em rancho saem indagações e Pesquisas. O alferes é o centro do movimento e dêle parte a orientação das diligências. Onde quer que responde um sinal, lá vai êle, pressuroso e incansável.

Por fim, a 17 de maio de 1783 tôda a trama é conhecida: o chefe do bando sinistro é Joaquim de Oliveira, apelidado "Montanha", que foge, serra abaixo, pela floresta a fora, sem deixar rastro nem notícia...

E a estrada da serra retoma, em seguida, depois de vários anos de desassossêgo, o seu ritmo comercial vivo e intenso, despejando no Rio-de-Janeiro as riquezas minerais de Minas e trazendo para os campos do Goitacás o abastecimento necessário à vida que continuava...

---

Êsses acontecimentos me brotam na memória ao me lembrar que a Prefeitura de Belo Horizonte vai erigir um monumento a Joaquim José da Silva Xavier, martir e herói da Inconfidência Mineira.

* * *

DE NITTI

Na negação das democracias nunca há o menor apêlo à livre manifestação das vontades.


**Banco Financial da Produção S. A.**

**AV. AFONSO PENA, 571 - (Prédio próprio)**

**Capital realizado: Cr $ 20.000.000,00**

**PAGA AS MAIORES TAXAS DE JUROS**

**CONTAS**

| | | | |
|---|---|---|---|
| Popular (até Cr$ 50.000,00) — 8 % | | Praso fixo . . . . . | 9 % |
| Limitada (até Cr$500.000,00) — 7 % | | " " com renda mensal | 8 1/2 |

# OS JOGOS NO ENSINO DO CATECISMO

Adauto Junqueira REBOUÇAS

Rezava um prolóquio latino, não sem carradas de razão: "Non scholae, sed vitae discimus"—Não aprendemos para a escola, mas para a vida. Todo o sentido autêntico da finalidade da obra educativa encerra-se efetivamente nessa sentença. Aprender para a escola é sempre ficar a meio passo do caminho. Pois aprendendo apenas para a escola, o educando não atinge o escôpo da obra pedagógica, já que educar — e, dúcere — é tirar as virtualidades latentes do ser racional e atualizá-las ou realizá-las completamente, através de um processo intermediário a que se chama método. Ora, fazer da escola um fim-em-si, é baralhar terrivelmente a realidade.

Um dos grandes benefícios que nos trouxe a pedagogia moderna (é verdade que ao lado de um punhado de inovações maléficas) foi justamente o de uma colocação mais adequada do problema das relações entre a escola e a vida, e consequentemente entre método e realidade, entre a lição e a aplicação, entre o educador e o educando. A escola clássica era o culto da rotina, do método, do professor. Era uma escola "totalitária", para usar de um têrmo ao sabor de nossos tempos. Seu princípio fundamental era a máxima ominosa — "Magister dixit". A escola nova, ao contrário, é o culto da adaptação da pedagogia ao progresso dos tempos, é o culto da compreensão, do educando, da plasticidade pedagógica. E' uma escola liberal. Se é verdade que muita vez se foi ao exagêro, não é menos exato que os educadores só têm a lucrar com a aplicação dos métodos didascálicos modernos à educação da infância e da juventude, desde que tal se faça com critério e discernimento.

Ora, a metodologia moderna do ensino, se de um modo geral pode ser aplicada com proveito em tôda a ciência educativa, deve sê-lo, com muito maior razão, ao nosso ver, com referência ao setor especializado da pedagogia catequística.

Quando se trata do ensino da religião, que antes de tudo uma vida, a vida em união com Deus, mais do que nunca se deve encarecer a necessidade de fazer do catecismo, bem mais do que um jôgo cerebral de perguntas e respostas decoradas, uma realidade incarnada em tôda a vida do educando.

E' preciso pois — e aquí voltamos de novo ao princípio — estabelecer o nexo entre o catecismo e a vida. Entre o método e a realidade. E' preciso deixar de lado a rotina, e renovar a pedagogia catequística. Em nosso meio nacional, o Revmo. Pe. Alvaro Negromonte tem sido o pioneiro máximo dessa renovação. E já que S. Revma. reside em Belo Horizonte, esta capital tem sido a mais beneficada do seu apostolado. Aos poucos, vão aparecendo textos, cadernos catequéticos, gravuras, museus catequéticos, que propagam a nova orientação da pedagogia do catecismo.

Ainda há pouco tempo, a Livraria Cor editou uma série de jogos didáticos para o ensino do Catecismo, o que faz com que os catequistas e

as catequistas tenham um precioso subsídio ao ensino do Credo, dos Mandamentos. dos Sacramentos e da Missa. Esses jogos não são ainda obras perfeietas. No entanto, marcam uma fase. Devemos por ora contentar-nos com êles e aproveitar a experiência para produzir coisa melhor.

Contudo, louvamos os realizadores dessa primeira iniciativa e fazemos votos no sentido de que os jogos catequéticos — indispensáveis auxiliares do ensino religioso — comecem a ser empregados entre as nossas crianças. Pois êles produzirão os melhores resultados. E contribuirão notavelmente para tirar ao catecismo a feição de um exclusivo jôgo cerebral, tornando-o uma realidade concreta e aplicada, que facilite a sua adequação à vida.

# A escola e o método de projetos

Irene de Paula MAGALHÃES
(Prof. de Metodologia na Escola Normal Modêlo)

A escola é uma instituição social, com a responsabilidade de formar o cidadão. Seu dever é criar personalidades íntegras, de mentalidades esclarecidas, amantes do bem, da ordem e da justiça. Só a educação perfeita é capaz de formar essas personalidades de elites.

A sociedade é composta de indivíduos, que a mantêm e a aperfeiçoam de acôrdo com a educação pessoal, cujos germens são os hábitos e ideais adquiridos na escola. A sua missão é portanto de alto valor social. As crianças devem encontrar na escola os mesmos princípios de vida que lhes motivem a ação e aprimorem o desenvolvimento natural, com a formação do caráter, das capacidades de trabalho e de julgamento, dos bons hábitos sociais, tornando-as úteis e felizes.

No processo educativo são três os fatores primordiais: criança, o ser em que se exerce a ação; métodos, os meios de que se servem para alcançar os ideais; e o próprio educador, que terá de elevar essas almas em eclosão a um estado mais perfeito.

O método de projetos é meio e surgiu com o propósito de facilitar os educadores em sua ação. Pela variedade de aspecto que apresenta e aplicação dos princípiis pedagógicos, êle tem sido amplamente divulgado e os resultados práticos já se fizeram sentir entre nós.

Analisemos seus valores à luz dos princípios pedagógicos e através dos exemplos práticos que ilustram êste trabalho.

E' Stevenson que o define: projeto é um ato problemático, levado à sua completa realização, num ambiente natural. Dêste conceito tiramos os seus característicos: formação de raciocínio aplicado às realidades, informação para realizar, aprendizado num ambiente natural e prioridade de problemas.

Os direitos da criança são assim observados, porque êle deve surgir de suas necessidades, dentro de seus interêsses, estimulando pelo fim que se tem em vista, a sua atividade. Satisfaz, plenamente, o princípio capital da escola ativa, respeito à individualidade da criança.

A escola ativa preconisa a educação num ambiente de liberdade, realidade e bondade. O projeto une a escola à vida, trazendo-lhe situações reais com perspectivas ao educando para melhor compreender as situações sociais e realizar sua adaptação. Os problemas suscitam dêle a atividade mental, em cujo têrmo está a solução almejada; o motivo predispõe à atividade, dando ensêjo aos educandos de atualizar suas potências.

Se êle é meio para a professora, é fim par o aluno que deseja e se interessa pelo sucesso. Mas é preciso que o objetivo da criança seja realmente interessante, para proporcionar-lhe o ambiente real e de responsabilidade, em que aprenda a planejar, a estudar e ganhar a sua independência. Dentre os vários

projetos que executámos, escolhi êstes três, que irão divulgar melhor os valores do método em questão: confecção da Bandeira Nacional; plantio de uma horta e um clube de leitura.

Todos os três foram realizados no Grupo "Alexandre Drumond" pelas alunas de prática profissional, que puderam empreendê-los com êxito, porque a diretoria da escola e as professoras das classes anexas, compreenderam bem as finalidades dos projetos e tudo nos facilitaram para a sua realização.

O primeiro dêles, a confecção da Bandeira Ncional, foi levado a efeito na classe do 4.º ano da Professora D. Jací de Vasconcelos.

Durante a realização de um projeto anterior, albuns sôbre abolição, notámos a necessidade de desenvolver na classe a composição escrita. Já havia discutido com as alunas-mestras êste ponto; depois, apesar dos bons hábitos, graus de experiência e inteligência da classe não apresentaram boas composições. Pensavamos já em motivar uma composição preparada pela leitura de vários trechos em prosa e verso, sôbre determinado assunto, com o fim de enriquecer-lhe as expressões, quando o têma surgiu acidentalmente da classe.

Um dos alunos ilustrou a capa de seu album da abolição com uma bandeira que requeria correções. Necessitámos da Bndeira Nacional e ficámos sabendo que o grupo não a possuia. Nsceu logo a idéia de fazer-se uma. Projeto útil e rico pelas possibilidades de desenvolvimento que se ofereciam aos alunos. Foi estimulado e abrangeu as seguintes disciplinas: Linguagem oral e escrita, Instrução Moral e Cívica, História do Brasil, Matemática (arimética e geometria), Trablhos Manuais (desenho, recortes e alinhavos). Socialização (auditorio, etc.). Canto coral, etc. Durante a execução do projeto, a classe teve oportunidade de conhecer vários trechos literários e poesia sôbre a Pátria, patriotismo e bandeira. Houve trabalhos especiais paar um auditório no ato da entrega da bandeira ao grupo, que coincidiu ser na semana da pátria. O auditório foi exclusivamente dêles. Fizeram e receberam discursos.

Fato inteerssante aconteceu numa das aulas. A aluna-mestra, depois de ter lido com bastante ênfase uma bela poesia sôbre a Bndeira, entregou à classe fôlhas de papel para que escrevessem algo sôbre o têma em discussão, quase todos os poesias e muitas delas dignas de serem apresentadas. Algumas foram recitadas no auditório e tôdas, depois de corrigdas, anexadas ao album sôbre a Bandeira.

Além do objetivo visado por nós, muitos outros foram obtidos, o que se depreende facilmente pelas materias abrangidas, reinando sempre grande alegria na classe durante o empreendimento.

Todos os livros referidos nesta revista são encontrados na

LIVRARIA **REX** PAPELARIA

PRAÇA 7 (ao lado da Casa Bristol)

# Conversas de Laboratório

## O AÇÚCAR DE UVA NA RESPIRAÇÃO

H. Marques LISBOA

Estou convencido de que o número de leitores destas conversas, pode às vezes, ser elevado até dois.

Tal convicção tem como uma de suas bases a hipótese de residir em pequena cidade, bem no interior de Minas, entre as professoras extraordináriamente estudiosas, uma que, nessa cidade, sem cinemas e sem grandes aparêlhos de rádio, se vê forçada, nos dias de chuvas torrenciais consecutivas, a esgotar a leitura de todos os livros ao seu alcance e dos bons artigos das revistas. Não tendo ela pois, como fazer "o tempo ser vivido, aproveitado, sentido, ganho", de acôrdo com o pensar de Cecília Meireles, terá de procurar passar o tempo "em indolência medíocre" e por isso, seus olhos percorrerão as páginas de minhas conversas, fazendo-me ganhar uma leitora, a segunda.

Sendo essa a segunda, há uma primeira. E' que tenho uma leitora obrigatória, e portanto permanente, a culpada do artigo de hoje. Seu encantamento pelas ciências naturais é tão grande que, apesar de saber separar o jôio do trigo, apesar de sentir a dureza do meu estilo, está sempre esperando ver o dia em que possam surgir de minha pena, escritos fàcilmente legíveis.

Lisongeado com essa esperança, obedeço à mais leve de suas sugestões e arrisco nova tentativa. A de hoje, quero dedicar à leitora sertaneja, pedindo-lhe licença para tatear entre as modalidades de técnica pedagógica, indagando qual o melhor meio de se estudar o capítulo: RESPIRAÇÃO.

★

Boa amiga das horas lentas, úmidas e sombrias.

A presente carta é uma súplica. Preciso dos seus conselhos sábios, para saber como as professoras poderão ensinar um dos pontos de *Biologia-geral, constantes do Programa* em Experiência, mais difíceis de serem explicados.

Os meus ensaios, feitos nesta revista, não me agradam; sempre que os releio, os condeno.

Já escreví pomposamente sôbre uma ilha devastada por terrível vulcão, logo depois varrida por úmidos vendavais e vergastada por colunas de poeira; já discursei catedràticamente sôbre a respiração e o açúcar de uva; já descreví lamentàvelmente a origem e a formação da matéria viva, nos lugares áridos. Quem suportou a leitura de tais coisas?

Moradora do sertão longínquo, diga-me, por favor, como sair de um estilo afugentador de leitores, mesmo os mais curiosos, os mais interessados por assuntos tão cativantes?

Sugestões variadas acabo de encontrar no último número de *Educando* (n.º 35 e 36).

Em primeiro lugar está em destaque a *poesia*, "que já vai como instrumento educativo, penetrando o ambiente de nossas escolas."

Como eu invejo os poetas...

Se eu pudesse falar como Abílio Barreto, ou se eu pudesse dizer as

coisas de modo simples e sonoro, assim:

*Acorda a fazenda antiga*
*desponta o sol no horizonte*
*Cantam aves, jorra a fonte*
*Farfalha a floresta amiga.*

Mas... sou como a raposa da fábula, um apreciador de coisas inacessíveis. Para explicar o mecanismo da *Respiração*, precisaria eu de sete grupos de versos, pois sete são pelo menos, as duas etapas principais.

Se eu pudesse dizê-las com a suavidade dos poetas?! Só o consigo com a aspereza científica:

1.ª etapa — Em profunda inspiração, nos pulmões o ar penetra, indo fundo até os alvéolos.

2.ª etapa — Parede tênue separa, do sangue em circulação, o *Oxigênio* inflamador.

3.ª etapa — Mas êste força a barreira, rubro globinho segura e firme nele se prende.

4.ª etapa — Segue, rumo ao coração, para aurícula sinistra e daí desce ao ventrículo.

5.ª etapa — Poderosa contração, lança-o dentro de um canal, que pelo corpo o espalha.

6.ª etapa — Nos lugares em trabalho, se desprende do globinho, para queimar *Açúcar de uva*.

7.ª etapa — Sem barulho ou labaredas, em combustão delicada:

*FÔRÇA*, ENERGIA LIBERTA

Eis como noções verdadeiras podem ser ditas em versos falsos.

Que inveja eu tenho dos poetas, de seus "sonetos, quadras, vilaretes, baladas e triolés". Invejo a gente que escreveu as belas páginas do livro de Alaíde Lisboa de Oliveira Zilá Frota e Marieta Leite: invejo a poetisa, duplamente minha xará, no dizer (como exemplo) o seguinte:

*Andorinha no fio*
*escutou um segrêdo*
*foi à tôrre da igreja*
*cochichou com o sino.*

Quem sabe, leitora distante, se em um dos dias longamente chuvosos, quem sabe repito, se não lhe seria *viver o tempo*, o aplicar seu estro poético, em dar forma linda às: SETE ETAPAS DO OXIGÊNIO NA RESPIRAÇÃO? Tenho a certeza, que sua hábil pena escreverá versos delicados, dignos de recitação pelos alunos.

★

Outra sugestão do já citado número de Educando, é o de representação em estrado.

Processo certamente eficaz, mas para o nosso caso talvez excessivamente trabalhoso. Seria necessário, penso, uma enorme dramatização.

Analisemos êsse caso:

Respirar é desligar CARBONO, aprisionado no Açúcar de uva, para LIBERTAR ENERGIA. Sendo assim, que pensa a minha paciente leitora, sôbre uma representação em que negras (grafites) em cativeiro, venham a ser libertadas por cavalheiros (oxigenados)?

Para dramatizar a *Respiração*, precisaremos então de duas espécies de cenários, mas se quisermos fechar o ciclo (ciclo do *carbono*) teremos de arranjar um bosque de folhagem bem clorofiladas, bem verdes, além do tablado para a Respiração. Nesse bosque seria representada a *função clorofilana*. Em tal caso deveriamos acrescentar pelo me-

nos mais 3 etapas para essa função complementar.

Perdôe-me, amiga distante, que eu a convide para uma análise mais minuciosa de um 1.º ato, em que deverão ser figuradas as 4 primeras etapas do oxigênio, em caminho para libertações do carbono e da energia.

★

Um estrado colocado no meio de uma das duas longas paredes do salão de reuniões, servirá de palco para a *árvore brônquica* formada por três escadas pequenas, tipo de pedreiro, representando a traquéia e os dois grossos brônquios. Êstes serão duas escadinhas inclinadas, dando para uma pequena plataforma, de onde subirá verticalmente a 3.ª escadinha. Os anéis cartilaginosos da traquéia serão representados pelos degráus.

Essa armação terá o aspecto de um *ípsilon* invertido não devendo ultrapassar dois metros de altura.

Os brônquios mais finos, que em nossa representação podem ser figurados por 3 passadeiras à direita, e por outras tantas à esquerda, irão terminar em alvéolos, que barram a passagem ao *Oxigênio*, isto é: em guaritas de sentinelas.

Será isso aconselhável ?

Um arco em forma de coração, ficará onde frequentemente se coloca em um palco, a concha para esconder o *Ponto*.

Armado o palco, para as 4 primeiras etapas do drama em dois atos, lembro que, em se tratando de libertação de escravos, a ação se passa no Brasil e na véspera do 13 de Maio de 1888. O Oxigênio, abolicionista, será representado por cavalheiros oxigenados.

Sugiro também a seguinte marcha para a dramatização:

1.ª etapa — Seis abolicionistas aparecerão no tope da escada vertical, e, em compasso de marcha, descerão para penetrar nas guaritas.

2.ª etapa — Seis meninas, *muito pálidas*, figurando hemoglobina, ainda não oxigenada, surgirão pelos dois lados do estrado e irão se colocar por detrás das seis guaritas.

3.ª etapa — Os cavalheiros não resistirão a seus encantos e esgueirando-se por entre as guaritas, se dirigirão às damas e, à moda antiga, lhes farão um *convite à valsa*.

4.ª etapa — Aceitando o convite, e *enrubescendo* violentamente, as damas hemoglobínicas, caminharão em compasso de valsa e de braço dado, à antiga, até o lugar do ponto, isto é o lugar do arco em forma de coração.

A 5.ª etapa é uma fase de transição entre a respiração pulmonar e a respiração dos tecidos: a hemoglobina oxigenada corre por dentro de artérias. Parece-me que na dramatização isso poderia ser figurado por faixas rubras pelo salão, onde os giros de valsa levariam os dansarinos para fora do salão, à espera do outro ato.

A respiração nos tecidos, isto é: a *Respiração essencial*, a *pròpriamente dita*, a dos vegetais, dos animais e dos micróbios aeróbios, quer vivam fora dágua, quer mergulhados em líquidos, poderá ser figurada num 2.º ato.

★

Professora distante, "*ser tutelar que*", como bem diz Abílio Barreto, "*sabe dar doçura aos travos do azedume*", *perdôe-me o abuso de minúcias* tão descabidas em carta dirigida a professora, que não precisa de minha opinião, onde ela é a mestra. Serei mais moderado quanto a êste

2.º ato e não planejarei o bosque de um 3.º ato, para reconstrução do açúcar, queimado pelos abolicionistas, no decorrer do 2.º ato. Essa queimação do açúcar terá de ser muito fantasiada e eu lembro, em linhas gerais o seguinte:

De um só lado do tablado (ou dos dois se quisermos duplicar o número de alunos na dramatização) teremos 6 lavadeiras negras.

Porque lavadeiras e porque negras?

Como sabe a minha distante amiga, na respiração essencial, o oxigênio queima o açúcar de uva, formado de 6 *átomos de CARBONO* presos a 6 *moléculas de AGUA*. Que lhe parece então, colocarmos em um cenário, ao lado do estrado, central, um grupo de 6 lavadeiras negras (as *grafites* representantes do carbono) acorrentadas a 6 tinas de água (6 moléculas de água),

Se eu fôsse o dramatizador dêsse 2.º ato, escreveria a Arí Barroso pedindo licença para usar o seu belo samba de *Terra sêca*, mudando na letra, o estritamente necessário para figurar *água* em vez de *secura* e *lavadeiras* (diamantes negros), em vez de *nêgo véio*:

*A nega tá molada té os ósso*
*As mãos da nega tá que é calo só*

e assim por diante...

Os abolicionistas, dansarinos oxigenados, ouvindo o lindo samba, abandonariam as suas hemoglobinas Estas empalideceriam e voltariam em passo triste para os lados do estrado segundo faixas azuis.

Terminado o samba, os libertadores despejariam a água das tinas em um rêgo, que correria para um bastidor representando dois *Rins*, Em seguida, quebrando as tinas, fariam uma fornalha para queimar as lascas de madeira. Ao som de outro samba, enlaçariam as ex-escravas e voltariam para o bastidor em forma de coração. Finalmente passando pelas guaritas e subindo as escadarias, o *par carbônico* desapareceria por detrás do estrado.

Os rapazes oxigenados que entraram sozinhos, saem acompanhados. Respirar fica parecendo então, a entrada de uma molécula de *oxigênio*, com fim de furtar um átomo de *carbono*.

Verdade é que êsse furto permite libertação de FÔRÇA. Da fôrça que nos permite pensar, fôrça que nos permite qualquer dos nossos trabalhos. RESPIRAR E' LIBERTAR A FÔRÇA NECESSÁRIA A QUALQUER DE NOSSAS ATIVIDADES VITAIS.

★

Alonguei-me além do desejado e não posso terminar a carta. Procurarei concluí-la no próximo número, se a minha leitora obrigatória desejar que eu o faça; mas, de qualquer forma, peço às minhas leitoras, que não me recusem seus conselhos.

CALÇADOS FINOS? COMPREM NA

CASA BRISTOL

PRAÇA 7 (ao lado da LIVRARIA REX)

# O LIVRO - INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO

## "LIVROS QUE ENSINAM" - "LIVROS QUE MOVEM"

Alaíde Lisboa de OLIVEIRA

A escola como a encaramos hoje, preconiza as experiências reais como fontes de instrução e por isso mesmo vê no livro um dos maiores auxílios educativos.

Houve quem entendesse que experiências reais limitassem o uso do livro. Nesse caso teríamos que recomeçar o trabalho de desenvolvimento da criança num primitivismo incoerente, cada vez que devêsesmos transmitir conhecimentos. De que valeriam as experiências da raça, as tentativas pacientes de nossos antepassados, e ainda as conquistas práticas científicas ou as artísticas dos próprios contemporâneos ? !

As experiências, as oportunidades de progresso, as conquistas no campo da civilização variam de povo para povo, de país para país, de cidade para cidade, segundo as possibilidades de cada região. São os livros especialmente que fazem a permuta das aquisições. Mas as oportunidades educativas que nos oferecem os livros não se limitam a análise de fatos, a informações, a transmissão de conhecimentos sistemàticamente organizados" em "Livros que ensinam." As oportunidades educativas se multiplicam nos "Livros que movem" "os que têm como objetivo último o sentido de beleza pura, concepção artística, a elevação moral, a expressão estética. Os que traduzem a fôrça das grandes qualidades humanas". São os sonhos, as esperanças, as inspirações, os ideais dos verdadeiros eleitos da arte e da beleza que alargam a visão dos menos beneficiados. Os "livros que movem" rasgam cortinas embotadas, ampliam horizontes, renovam em belezas indefinidas a concepção da própria vida.

O poder educativo do livro, o poder transformador das palavras atiradas, muitas vezes a esmo, em fôlhas soltas é inegualável.

O livro influi fortemente no indivíduo e na coletivdade. Atitudes, hábitos, ideais se delineiam através da leitura. Sua ascendência é enorme sôbre a coletivdade! Sentimentos e opiniões se definem através da leitura.

O livro amolda o espírito da nacionalidade. E' fôrça plasmadora de caracteres. O poder sugestivo do livro é tão forte que alterando o enunciado de que o homem é o produto do meio poderiamos dizer: "O homem é o produto do livro que leu"— Consideremos sempre o perigo do mau livro. Se o livro pode criar mundos, pode desmoroná-los também. Dentro dêsse pensamento o professor vai servir-se do maravilhoso instrumento educativo. Escolher bons livros para uso na escola já é tarefa difícil. Mas dar à criança através dos livros escolhidos, a possibilidade de dirigir, mais tarde, sua leitura independente, é problema grave e que requer talento de mestre para resolver.

Todo trabalho educativo converge para êste ponto. Os hábitos, atitudes, habildades, ideais desenvolvi-

dos na criança através do livro, no período escolar, vão dirigir o seu sistema de vida fora da escola. O convívio íntimo com o bom livro no período escolar vai ser a garantia do critério de apreciação e escolha do livro depois do período escolar. Sabemos que o que importa realmente é o senso, o sentido, a alma, o espírito da leitura e não a leitura em si. A capacidade de discriminação necessária mais tarde, só se formará no verdadeiro sentido, se o hábito da boa leitura se desenvolver de fato nos bancos escolares.

## COMENTANDO UM DECRETO

O valor do bom livro em uso nas escolas é de fôrça tal que o Govêrno Federal estabelece normas sôbre o assunto, em decreto-lei com minucioso exame da matéria. Entra na cogitação do decreto a preocupação física-intelectual-cívica-social-moral.

Vamos exemplifcar apenas:

Preocupação física, art. 21, alínea C: "Não poderá ser autorizado o uso do livro didático que esteja impresso em desacôrdo com os preceitos essenciais da higiene da visão".

Preocupação intelectual: art. 21 AB: que apresente o assunto com "erros de natureza científica ou técnica".

Preocupação cívica: art. 20 al e) Que encerre qualquer afirmação ou sugestão que induza o pessimismo quanto ao poder e ao destino da raça brasileira".

Preocupação moral: quer social, quer pessoal: art. 20, al. j) "que atente contra a família ou insinue contra a indissolubilidade dos vínculos conjugais".

Art. 20 al. K: "que inspire desamor à virtude, induza o sentimento de inutilidade ou desnecessidade do esfôrço individual".

Nem há dúvida que a sabedoria de tais conceitos é bem profunda. São conceitos emitidos pelos primeiros responsáveis pela educação do povo brasileiro, mas que são vividos pelos pequeninos educadores, por um de nós que concorre com o trabalho diário de plasmar o indivíduo em benefício da coletividade e de melhorar a coletividade em benefício do indivíduo.

O decreto não cuida, propriamente, de literatura infantil, mas isso não impede que os critérios básicos de escolha do livro didático sejam considerados na escolha do livro de literatura.

## NA SELEÇÃO DE LIVROS

O livro é arma poderosa que dispomos para a tarefa admirável do desenvolvimento integral da criança e por isso mesmo precisa ser usado com eficiência.

Vamos fazer — sumariamente — considerações que devem ser pesadas na seleção de livros:

1.º Considerar em relação à parte física: o tamanho do livro, tipo de letra, papel, margem, ilustrações.

2.º Em relação ao conteúdo:

a) Nos livros de ciência o que importa realmente é a verdade dos fatos.

b) Nos livros de história: a verdade do espírito.

c) Nos livros de referências: dicionários, enciclopédias, a erudição, a sinceridade, a visão objetiva, a imparcialidade.

d) Nos livros textos: as qualidades em relação aos assuntos referidos e mais a dosagem de acôrdo com as possibilidades do aluno. O

interêsse a par do valor real dos textos.

e) Nos livros de literatura: o valor moral e artístico da obra e accessibilidade quanto ao pensamento, sentimento, assunto, conceito, concepção, linguagem, forma. Em todos o respeito religoso.

(Êsses critérios têm como base, princípios analisados no livro de Ernesto Nelson sôbre Bibliotecas, salvo engano.

## PODER SUGESTIVO DO LIVRO

O poder sugestivo do livro é realmente grande. Lembramos aqui aquele interessante concurso "o livro e a ilha deserta", cuja fórmula de pergunta tem sido repetida constantemente por nós, numa tentativa, apenas, de satisfação de curiosidade. Quem não se lembra da questão: "Se você fôsse mandado a uma ilha deserta com o direito de levar um só livro, que livro escolheria?"

Faça-se a pergunta e o interrogado esquece-se completamente do deserto da ilha e se volta com carinho para o companheiro preferido. Desaparece, como por encanto, a idéia do isolamento e a pergunta é respondida como se uma ilha deserta, com um livro apenas, fôsse a mais bem povoada da terra. E' provavel que numa situação real o livro não tivesse um poder de magia tão grande, mas seria sempre um companheiro a desejar.

## OBRIGAÇÃO QUE SE IMPÕE

Na escola primária vamos fazer do aluno um iniciado da leitura, um devoto do livro. Porém muitas vezes, êle, que aprendeu a sentir o pensamento através das linhas, êle que aprendeu a interessar-se pelos problemas da vida, sai do grupo e não pode, por circunstâncias várias, continuar os estudos em outros estabelecimentos de ensino. — E' o que acontece à grande maioria — e então (repetimos aqui o que já tivemos oportunidade de escrever há tempos) e então negamos ao adolescente, a água, depois de lhe termos excitado a sêde, negamos ao adolescente, o pão, depois de lhe termos aguçado a fome.

Uma obrigação imediata se nos impõe: dar meios, criar um ambiente em que êsse auto-didata, que pretendemos fazer no fim do 4.º ano primário continue, de fato, a educação própria. Precisamos manter, nas escolas, bibliotécas abertas aos adolescentes, com livros que lhe sejam alimento do espírito, e precisamos trabalhar pelo funcionamento de grande número de bibliotecas para adolescentes. Sem esquecer que essas bibliotécas, em litaretura, devem dar oportunidade de contato, tanto com a literatura antiga como com a moderna.

Ao desenvolvermos no aluno o hábito do convívio com o livro precisamos ter sempre em mente o pensamento de que não tentamos apenas proporcionar ao ledor uma satisfação pessoal, estéril. Não pretendemos unicamente dar-lhe o sentido teórico das cousas. Vamos, sim, através do livro, incitá-lo à ação. Vomos servir do livro, como fonte de melhor conhecimento das cousas e da vida para que êsse conhecimento se transforme em prósperas realizações.

---

Juntamos alguns pensamentos muito curiosos, sôbre "os livros" divulgados no "Minas Gerais" de 3

de Dezembro e no de 10 de Dezembro, na seção "No País e no estrangeiro".

*"A leitura é uma amizade"*. — Marcel Proust.

*"Lê, mas escolhe"* — Divisa de Van Bulderen, livreiro de Haia, 1717.

*"E' por amor dos livros, talvez, que conjuremos a barbarie que nos espreita* — Roger Dévigne, "Amour de la typographie.

*"Os tipos são sementes mais fecundas que o trigo e mais poderosas que os cartuchos.* — Tipotipose dirigida aos tipografos, cit. por Ferdiault en Les Légendes du Livre.

*"Não há peor ladrão que um mau livro.* — Provérbio italiano.

*"Os livros são a melhor munição que encontrei nesta humana viagem.* — Montaigne, "Essais", liv. III, cap. III.

*"Os que porventura lamentarem tudo ter sido em papel, devem lembrar-se de que, até agora, só no papel a humanidade realizou beleza, verdade, saber, virtude e amor perene* — Bernard Shaw — Carta a Ellen Verry.

---


**Minha Senhora!** Permanentes todos fazem, mais uma linda ondulação permanente só é feita no

**INSTITUTO LUDOWIG**

Massagens, limpeza da pele, manicure, penteado e tinturas ainda no

**INSTITUTO LUDOWIG**

No interêsse da sua beleza use sempre os afamados produtos de beleza LUDOWIG

RUA DA BAÍA, 1075 —:— TELEFONE, 2-1969

# O ensino da ortografia

Lenilda S. MONTANDON

SABER "escrever" na escola primária é saber ser exato na ortografia das palavras mais usuais da nossa língua e empregar, com relativa facilidade, os sinais da pontuação.

Entretanto, êsse objetivo simples na aparência, quantas dificuldade não encerra!

Do exame que fizemos em milhares de "provas" que passaram sob nossos olhos, provas de língua pátria umas e de geografia outras, ficou-nos a impressão de que há muito que corrigir no ensino da linguagem escrita no curso primário.

Se o aluno no fim do 2.º ano escolar deve, como preceitua o programa em experiência, ter dominado a ortografia das palavras comuns ao seu vocabulário, como explicar certos erros grosseiros não mais admissíveis no primeiro ano?

Tomando ao acaso algumas "provas" de língua pátria e de geografia de várias classes dos 2.º, 3.º e 4.º anos, colhemos extensa lista de erros que variaram dêsde a troca de letras (erros mais frequentes) até a alteração completa do vocábulo. Dentre êsses erros destacamos:

NO 2.º ANO

| | | |
|---|---|---|
| *casoro* | por | cachorro |
| *condo* | " | quando |
| *quondente* | " | contente |
| *tolou* | " | pulou |
| *fudão* | " | fogão |
| *emdrou* | " | entrou |
| *rono* | " | ramo |
| *agutilina* | " | Augusto de Lima |
| *pasina* | " | vacina |
| *mosco* | " | março |
| *telegu sei feno* | " | telegrafo sem fio |
| *rua 1.000 u aves* | " | Rua Hermilo Alves |
| *riborão aRoda* | " | Ribeirão Arrudas |
| *cera da morti quera* | " | Serra da Mantiqueira |
| *seuli* | " | céu |
| *desebo* | " | dezembro |
| *forsico* | " | Francisco |
| *lanpita* | " | lâmpada |
| *motocotiva* | " | locomotiva. |

NO 3.º ANO

| | | |
|---|---|---|
| *menhor* | " | melhor |
| *crasa* | " | graça |

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

| | | |
|---|---|---|
| *madria* | " | madrinha |
| *galegos* | " | colegas |
| *poco* | " | posso |
| *conhensemo* | " | conhecemos |
| *vólhe* | " | vou-lhe |
| *iso* | " | isso |
| *resebi* | " | recebi |
| *comu* | " | como |
| *querisqueres* | " | que lhes quer |
| *estazam* | " | estavam |

NO 4.º ANO

| | | |
|---|---|---|
| *onebos* | " | ônibus |
| *greriar* | " | guerrear |
| *grua* | " | crua |
| *açada* | " | assada |
| *poto socoro* | " | Pronto Socorro |
| *invantes* | " | infantis |
| *espricar* | " | explicar |

Para não ir mais longe na transcrição dos erros encontrados, basta esclarecer que os mais frequentes foram os de:

a) troca de letras
b) ligações anormais
c) terminações defeituosas
d) nomes próprios com letra minúscula.

Observando-se essas faltas somos levados a concluir:

a) o ensino de ortografia não tem sido orientado conforme as instruções do programa em experiência, que estabelece excelentes diretrizes, principalmente no que diz respeito à organização de exercícios, ao estudo da natureza dos erros, aos processos de verificação, etc., etc.

b) Não se tem dado atenção ao ensino de algumas regras concernentes às relações gramaticais que as palavras de uma frase têm entre si (gênero, número, pessoa, tempo, etc.).

c) A escrita dos escolares não tem tido a necessária direção; daí, a origem de certos defeitos que alteram a grafia das palavras ou a tornam indecifráveis.

d) As diferenças de tipos (auditivos, visuais e motores), entre os escolares de uma mesma classe não têm sido levado em consideração constituindo a via auditiva, tão frequentemente usada através dos ditados, o meio mais empregado no ensino da ortografia.

A reforma ortográfica simplificou, não há dúvida, o ensino da linguagem escrita, mas isso não significa que a sua aprendizagem se faça de qualquer modo e sem esfôrço. Ela requer não só bons processos, como, ainda, paciência e tenacidade por parte do mestre, afim de que o hábito de escrever corretamente se forme desde o 1.º ano.

Não se compreende, portanto, que certas palavras comumente usadas nas classes principiantes, extraídas das lições de leitura, apareçam

em exercícios futuros, como se verifica nas composições e ditados dos alunos de 2.º, 3.º e 4.º anos. (Veja lista acima).

Para orientarmos o ensino da ortografia, devemos considerar: (1)

1.º) a ortografia corrente

2.º) a ortografia gramatical.

Por ortografia corrente, entende-se a ortografia própria da palavra, independente das relações gramaticais que têm entre si as diversas palavras de uma frase.

São erros de ortografia corrente:

a) trocas de letras

b) ligações ou separações anormais

c) faltas de ortografia própriamente dita.

Constitui ainda uso corrente em muitas das nossas escolas, o emprêgo do ditado como processo de aprendizagem da ortografia.

E' uma prática essa condenada por ser inútil e até prejudicial. Inútil, porque se o trecho contém palavras desconhecidas e de difícil grafia, êle as escreve ao acaso, inconscientemente, ora errando ora acertando. Acontece às vezes, ao aluno, escrever certo no ditado um vocábulo qualquer e errá-lo no primeiro exercício em que tenha de empregá-lo.

O ditado é meio de verificação dos conhecimentos adquiridos, podendo mesmo ser um meio de apresentação, mas não pode ser considerado como fim ou como método no ensino da ortografia.

Mestres há que procedem com mais discernimento, fazendo preceder o ditado da leitura do trecho, explicando aos alunos a significação dos vocábulos desconhecidos e apresentando, mesmo, no quadro, os de grafia mais difícil. Não resta dúvida que é êsse um excelente processo para fazer compreender o trecho e diminuir o número de erros, mas o exercício de ortografia aí se processa ocasionalmente.

No ensino da ortografia devemos organizar o nosso trabalho de modo a atender aos tipos visuais, auditivos e motores que porventura se encontrem numa mesma classe.

Diversas experiências foram feitas sôbre a influência das percepções visuais e auditivas no ensino da ortografia, ficando provado que não basta ouvir ou ver uma palavra, seja isolada ou num trecho qualquer, para que sua forma gráfica se fixe no espírito do aluno: de pouco também vale copiar trechos sôbre trechos; o essencial é indicar as particularidades ortográficas que distinguem uma palavra e dar a sua significação.

Portanto, entre o ditado de palavras extraídas de lição de leitura e o ditado de palavras cujas dificuldades ortográficas foram apontadas podemos dizer que o último oferece maiores vantagens, donde a necessidade de organização metódica de exercícios ortográficos em lugar de se fazer tal ensino ocasionalmente como acontece em geral.

Não negamos o valor da leitura e da cópia quando feitas com aten-

---

(1) *Vide "Pedagogia experimentale" de Th. Simon.*

ção e conduzidas com habilidade, somos contrários a êsses exercícios feitos automàticamente, sem nenhuma finalidade justificável.

Para o ensino da ortografia corrente tiramos de alguns mestres os seguintes conselhos:

1. O estudo da ortografia deve estar unido a tôdas as matérias de ensino.

Qualquer palavra nova, de grafia difícil, que apareça no correr da lição deve ser apresentada à classe sob suas três formas: visual, auditiva e motora: o aluno vê a palavra, ouve a sua pronúncia (corrente soletrada) e a escreve.

2. A melhor apresentação é aquela em que ficam associados o som da palavra, a sua imagem visual, o seu significado e a indicação da dificuldade ortográfica que ela encerra.

3. Para um trabalho eficiente devem ser organizadas, para cada ano do curso, listas das palavras mais correntes da língua, graduando as dificuldades de modo que, ao atingir o último ano primário, o aluno possua uma boa bagagem de conhecimentos ortográficos que o habilitem à escrita correta dos vocábulos mais usuais, permitindo-lhe ainda, por um processo de generalização, escrever palavras desconhecidas, embora de grafia mais difícil.

4. Outro fator de sucesso é o estudo da natureza das faltas para a sua devida correção. Muitos erros contra a fonética provêm de defeitos de audição.

A supressão de letras e de sílibas se corrige ensinando a criança a pronunciar bem as palavras.

5. Nas classes de 3.º e 4.º anos pode o mestre habituar os alunos, quando fazem leitura livre na biblioteca, a tomarem apontamentos das palavras que apresentam as mesmas dificuldades ortográfics de outras em que êles erraram, no correr de um ditado ou de um exercício qualquer.

6. Outro meio excelente de fixação é o uso de cadernetas de vocabulário, onde os alunos registram, depois de corrigidas as palavras erradas em seus exercícios escolares, agrupando-os de acôrdo com as dificuldades que apresentam.

No "Programa em Experiência", encontrarão os nossos professores excelentes sugestões para a organização dos exercícios ortográficos nas quatro séries do curso primário.

No próximo número será focalizada a ortografia gramatical.

BIBLIOGRAFIA

Pedagogia Experimental — de Dr. Th. Simon.
Didática da Escola Nova — A. M. Aguayo.
Pages de pedagogie pratique — Louis Dessaint.

# Educação Física

Diumira Campos de PAIVA

CONTINUAÇÃO

PARA MARCHAR PARA OS LADOS:

1 — Para a esquerda
2 — Marche !

A esta voz leva-se o pé esquerdo para o lado, conservando-se os joelhos esticados e voltados para a frente. Logo que esteja o pé esquerdo assentado no chão,, une-se-lhe o direito e assim por diante, observando-se a cadência do passo ordinário. A' voz de execução partirá quando o pé do lado oposto ao que se deve marchar, achar-se no ar.

PARA MARCHAR PARA A RETAGUARDA, DA POSIÇÃO *SENTIDO*:

1 — Para a retaguarda
2 — Marche !

A esta voz, executa-se a meia volta e rompe-se a marcha. Se estiver marcando passo, a voz de execução deve ser dada ao assentar o pé esquerdo no chão; o direito vai à frente do corpo uma passada, gira-se pela esquerda, fazendo meia volta como em marcha, e rompe-se a marcha.

MARCANDO PASSO, VOLVER A' ESQUERDA (OU DIREITA) E ROMPER MARCHA:

1 — Esquerda volver
2 — Em frente... marche!

A voz de execução deve partir ao tocar no chão o pé esquerdo; o direito vai à frente uma passada, volve-se à esquerda sôbre a planta de ambos os pés e inicia-se a marcha com o pé esquerdo na direção indicada. O mesmo se faz quando em marcha.

PARA MARCHAR EM SENTIDO INVERSO E MUDAR DE DIREÇÃO OU FORMAÇÃO, SEM MARCAR PASSO, FAZER ALTO OU VOLTA:

Marchando em frente, para marchar à retaguarda:
1 — A' retaguarda
2 — Marche !

A' esta voz, dada ao assentar o pé esquerdo no chão, avança-se o direito uma passada afim de conter o impulso para a frente, descansa-se o pêso do corpo sôbre o pé esquerdo e inicia-se a marcha à retaguar-

da com o pé direito. Marchando-se à retaguarda; para marchar em frente procede-se do mesmo modo (1 — Em frente 2) — Marche).

MARCHANDO-SE EM FRENTE OU A' RETAGUARDA,PARA MARCHAR PARA OS LADOS:

1 — Para a esquerda (ou direita)
2 — Marche !

A voz de extcução deve ser dada ao assentar o pé esquerdo no chão, avança-se o direito uma passada para conter o impulso, e marcha-se para o lado esquerdo com o pé esquerdo.

MARCHANDO-SE PARA OS LADOS, PARA MARCHAR EM SENTIDO INVERSO:

1 — Para a esquerda (ou direita)
2 — Marche !

A' esta voz, faz-se o alto, marcha-se na direção indicada, com o outro pé correspondente.

PARA DAR MEIA VOLTA EM MARCHA:

1 — Meia volta
2 — Marche !

MARCHANDO EM FRENTE, PARA DAR MEIA VOLTA E MARCHAR DE COSTAS:

1 — Meia volta e de costas,
2 — Marche !

Faz-se a meia volta e inicia-se a marcha à retaguarda com o pé esquerdo.

PARA VOLVER A' ESQUERDA (OU DIREITA) EM MARCHA:

1 — Erequerda (ou direita)
2 — Volver!

Executa-se do mesmo modo que esquerda ou direita volver, marcando passo.

MARCHANDO EM FRENTE, PARA VOLVER A' ESQUERDA (OU DIREITA)E MARCHAR DE COSTAS:

1 — Direita (ou esquerda) volver
— De costas,
2 — Marche !

A' voz de execução, procede-se como quando em esquerda ou direita volver, marcando passo, e marchando-se à retaguarda.

MARCHANDO EM FRENTE, PARA VOLVER A' ESQUERDA (OU DIREITA) E MARCHAR PARA O LADO:

1 — Esquerda( ou direita) volver
— A direita,
2 — Marche !

A' esta voz, dada ao assentar o pé esquerdo no chão, avança-se o direito, volve-se à esquerda e inicia-se a marcha à direita, unindo o pé esquerdo ao direito.

— *Continua* —

---

DE NITTI

A democracia, antes de tudo, não é senão sujeição à lei.

**INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA**

**Prof. Hilton Rocha**
Catedrático de Clínica Oftalmológica das Faculdades de Medicina das Universidades do Brasil e de Minas Gerais

**Dr. Pinheiro Chagas**
Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 - EDIFICIO CINE BRASIL
SALAS 608 A 614 - TELEFONE, 2-3171

**Gráfica Queiroz Breiner Ltda.**

que imprime a Revista EDUCANDO instalou à rua Espírito Santo, 652, completa secção de

**LIVRARIA E PAPELARIA**

com organizado serviço de REEMBOLSO POSTAL para atender aos fregueses do interior.

# O VALE DOS TESOUROS

## (CONTO INGLÊS)

Tradução e adaptação de MARILÉO

ERA uma vez três irmãos: Jaques, João e Lucas. Êles possuiam umas terras que, pela sua prodigiosa fertilidade, foram chamadas "O Vale dos Tesouros".

O pequeno Lucas era amável, bom e vivia sempre contente. O mesmo, porém, não acontecia com seus dois irmãos que eram maus e gananciosos.

O rei dos Ventos, certa vez, indignado com a maldade dos dois rapazes resolveu castigá-los. Proibiu à *Brisa do Sul* e à *Brisa do Oeste* de conduzirem as chuvas para o "Vale dos Tesouros". As fontes estancaram-se, a terra secou e o vale se transformou em um vasto deserto de areias vermelhas.

Jaques e João, levando em sua companhia o pequeno Lucas, foram viver do outro lado da montanha.

Lucas, que havia aprendido com seu pai o ofício de ourives, trabalhava o dia intero enquanto seus irmãos passavam a vida na mais completa ociosidade.

Em pouco tempo os seus recursos se esgotaram. Somente Lucas ainda possuia um copo de ouro que o pai lhe deixára o morrer.

Seus irmãos resolveram, então, fundir o copo de Lucas e transformá-lo em moedas. Por mais que Lucas pedisse e implorasse o copo de ouro foi atirado dentro de um cadinho e posto a fundir-se.

Jaques e João sairam a passear como de costume e Lucas foi sentar-se à porta da casa. Cheio de tristeza ficou a olhar para a cascata que caía da montanha. Viu-a passar do rosa ao amarelado e em seguida tomar a côr de ouro.

— Oh! que felicidade se a cascata fosse mesmo de ouro, exclamou êle.

— Não seria nada bonito, disse junto dêle uma voz fina e metálica.

— Quem está aí? — perguntou Lucas assustado.

— Derrama o ouro do cadinho e verás quem eu sou, disse a voz.

Lucas tomou o cadinho e virou-o com todo o cuidado. Cheio de assombro viu sair de dentro dêle um anãozinho todo de ouro.

— Não te assustes, lhe disse o anão. Eu sou o rei da Cascata de ouro. Ouvi as tuas palavras e como me agradas vou contar-te um segrêdo. Estás vendo a cascata? Se alguem derramar sôbre ela tres gotas de água ela se transformará em ouro. Mas essa pessoa deve possuir um coração puro e bom, do contrário será transformada em pedra.

Assim dizendo, o anão saltou no meio das chamas e desapareceu.

Quando os irmãos de Lucas voltaram e não encontraram o ouro fundido deram-lhe uma grande surra.

Lucas contou-lhes o que havia contecido. Jaques e João começa-

ıam a discutir sôbre qual dos dois devia ir ao alto da montanha. João, por ser o mais forte, foi o primeiro a partir. Levou consigo pão, vinho e um vidro com água. O caminho a percorrer era muito difícil e perigoso. Grandes abismos se abriam a cada passo e êle a custo conseguia transpô-los. Chegou até a perder o pão e o vinho que levava. Depois de muito andar chegou ao pé de um grande rochedo vermelho. Estava quase a desmaiar de cansaço e de sêde.

"Eu bem podia beber um pouco dágua que ainda ficaria bastante", pensou êle. Quando ia levando o frasco à boca ouviu uns gemidos ali perto. Viu então um pobre cãozinho quase morto de sêde, que o olhava como que implorando um pouco de água. João, porém, em vez de socorrê-lo, deu-lhe um ponta-pé e passou.

Mais adiante João tornou a sentir sêde. Quando ia beber um gole de água, viu a seus pés uma criança desmaiada. Os olhos fechados e a boca ressequida mostravam que ela morria de sêde. João olhou-a indiferente, bebeu um pouco de água e seguiu sem socorrê-la.

O caminho foi se tornando cada vez mais áspero e nuvens escuras cobriram o céu azul. Proximo já se ouvia o barulho da cascata. João estava quase a atingí-la quondo viu um pobre velho desfalecido à beira da estrada.

— Água! Água! balbuciavm seus lábios ressequidos.

— Não tenho água para te dar! — disse João e sem se condoer dos gemidos do velho, correu para a cascata. Alvoroçado atirou dentro dela o resto da água que levava. Um frio gelado percorreu-lhe o corpo e êle soltando um grito caiu transformado em uma pedra escura que foi logo coberta pelas águas...

Vendo que o irmão nunca mais voltava, Jaques ficou contente e partiu por sua vez, levando, também, pão, vinho e água. Assim como João teve que vencer os mesmos obstáculos, sentir sêde e encontrou o menino e o velho que lhe pediram de ber. Sem se compadecer dêles, seguiu seu caminho até chegar à cascata de ouro. Quando êle derramou sôbre ela a água que levava, um relâmpago cortou o céu, a terra abriu-se sob os seus pés e êle foi precipitado na torrente.

E as águas correram sôbre duas pedras escuras...

Lucas esperou por seus irmãos durante vários dias. Não os vendo aparecer resolveu aventurar-se até à cascata. Levando o seu farnel e uma garrafinha de água, pôs-se a caminho. Mais fraco que seus irmãos, teve dificuldade em transpor os desfiladeiros e galgar os altos rochedos que se levantavam a cada passo Quase morto de fome e sêde chegou ao pé de uma grande rocha vermelha. Quando ia beber um gole dágua ouviu uma voz que lhe pedia de beber. Viu, então, um velho que lhe estendia as mãos trêmulas. Lucas deu-lhe a garrafa, recomendando:

"Não beba tudo, por favor!

Mais adiante Lucas sentiu de novo a mais ardente sêde. Ao abrir a garrafa viu um menino que lhe dizia:

"Dê-me água, eu morro de sêde"!

Lucas hesitou um pouco mas acabou dando de beber ao menino.

Seria um dos meios de evitar-se a repetição dos pontos que, por contraste assás interessante, têm vida breve por um lado e longa de outro. Que vida efêmera a dêsses pontos expostos pelos professôres, copiados pelos alunos, memorizados apressadamente e vindo à baila nesta ou naquela prova, para depois serem impregnados pelas águas do létis! Como é desagradavel a leitura de vinte ou trinta provas esteriotipadas, com idênticos inícios e conclusões! E que dizer dos cadernos, descendentes bastardos das sebentas, eivados dos piores erros e que, através dos anos, passam de mãos em mãos como legado precioso do quantum reputado necessário e suficiente para enfrentar com galhardia e segurança os exames!

Poderia surgir a objeção de ser o processo expositivo o único que permite tratar senão a totalidade, ao menos a maioria dos itens dos programas. Isso é inegável, todavia seria mais razoavel não se sacrificasse a qualidade à quantidade.

Convém lembrar que os normalistas, como o curso ginasial completo, encontram-se mentalmente aptos a desempenhar com eficiência as incumbências de membro de um grupo de estudo. Professôres de ginásio, avêssos ao sistema de pontos, já têm conseguido dos alunos frequência à biblioteca, onde, pela consulta das fontes, elaboram seus apontamentos.

A dificuldade real parece residir na falta de uma série de livros criteriosamente selecionados e de acôrdo com os diversos tópicos do programa. Os manuais ou compêndios desempenhariam seu papel, pois serviriam para proporcionar aos alunos uma visão de conjunto, uma espécie de introdução ao assunto. E não se pense que para tanto houvesse necessidade de um número avultado de obras, porque um volume, conforme o caso, seria utilizado para o estudo de muitas questões.

As bibliotécas das Normais precisam ir paulatinamente aumentando seu acérvo de livros, uma vez que, com descuido, os poucos livros de hoje serão pouquíssimos amanhã.

Só proporcionando aos alunos as mais amplas oportunidades para as manifestações indivduais é que poderemos ver florir personalidades independentes, capazes de auto-expressão, cônscias de suas responsabilidades, úteis, portanto, às comunidades democráticas.

(*Paulo Sonnewend*, "O Estado de São Paulo" — S. Paulo.)

---

# Uma lição para o amanhã

Os jornais de ontem estamparam uma notícia que, certamente, encherá de alegria a todos os brasileiros: virão para nossa Pátria cêrca de quinhentas crianças européias, pequeninas vítimas da monstruosidade nazista, que lhes destruiu a Pátria, matou os pais, assassinou os irmãos. Orfans da grande tragédia que a loucura hitleriana desabou sôbre o mundo êstes "gamins" são o símbolo vivo da infelicidade,

da desgraça total que há tantos anos varre a Europa num sôpro maldito.

Vieram elas dos escombros de um mundo em chamas e, numa destas manhãs de verão, atracarão aqui, em plena baía. Será, para elas, como para nós, um dia de esperança e de alegria, pois nas terras livres da América não saberão o que seja o terror policial, o ódio de raça, as divisões de classe, as místicas da brutalidade e da violência, os credos gerados no subterrâneo dos complexos de mando e de conquista.

Os brasileiros as agazalharão e as criarão como filhos. Será, de nossa parte, mais um gesto nobre, outra contribuição da bondade das mulheres patrícias no sentido de se construir um mundo melhor.

Aliás, em tôda a sua história, que tem sido o Brasil, senão um porto seguro, um porto de esperança onde ancoram os infelizes e onde os escorraçados de outras terras iniciam uma vida nova, cheia de dignidade de liberdade, e garantida pela nossa democracia humana? E' êste o papel mais belo de nossa Pátria e o dever das gerações de hoje é continuá-lo.

Depois, na face destas crianças (em que o nazismo, com a sua técnica de trucidamentos coletivos e de violências inigualáveis imprimiu linhas inapagáveis) haverá, sempre, para o nosso povo, um símbolo e uma lição. A lição de que a vida, para ser digna e limpa, precisa ser realizada dentro da liberdade e da justiça e de que o despotismo e a violência só podem levar os povos à miséria e à servidão.

As vítimas inocentes da sanha de Hitler haverão de amar o Brasil. E os brasileiros verão nelas um incentivo para a prática da democracia humana e social, que é um dos característicos da sua personalidade.

*(Da "A MANHÃ" — Rio)*

---


## Coleções de EDUCANDO

Acham-se á venda coleções de "Educando", pelos preços seguintes:

| | |
|---|---|
| 1940 . . . . . | Cr$40,00 |
| 1941 . . . . . | Cr$35,00 |
| 1942 . . . . . | Cr$30,00 |
| 1943 . . . . . | Cr$25,00 |
| 1944 . . . . . | Cr$20,00 |

Qualquer das coleções acima, encadernada em percaline custará mais Cr$20,00.

Pedidos para esta redação.

# Associação de Professores Primários de Minas Gerais

## ASSEMBLÉIA GERAL

A A.P.P. vem centralizando, admiràvelmente, os interêsses, os anseios e as esperanças de nossa classe. Assim é que a Assembléia Geral — a primeira dêste ano — realizada sábado próximo passado, levou ao salão do Grupo "Pandiá Calógeras" grande número de sócios, integradas nos graves problemas que se veem debatendo tendentes à melhoria da situação econômica e social do professor primário mineiro, do interior e da Capital do Estado.

A sessão contou com a presença do representante do sr. Secretário da Educação e com a do Chefe do Departamento, tendo ambos usado da palavra.

O relatório apresentado pela presidente Alaide Lisboa de Oliveira mostra tôdas as medidas tomadas pela A.P.P., já em realização e ainda muitas outras em andamento para breve efetivação, segundo resultado do entendimento havido entre a diretoria e o Govêrno do Estado.

As primeiras realizações são já nossas conhecidas. Entre as segundas, as em andamento, e tôdas elas altamente beneficiadoras, destacamos as seguintes: ampliação do quadro de 1.ª classe; efetivação de contratadas de trabalhos manuais e canto na 1.ª classe; efetivação de tituladas de 2.ª classe; melhoria, visando a maior rapidez e facilidade, para a Capital e interior, do processo de obtenção de licença para tratamento de saúde; possibilidade de efetivação de comissionadas.

A leitura do relatório foi a miudo interrompida com palmas. A presidente terminou as suas palavras pedindo às colegas a mantença de uma atitude serena, digna e firme para que mais depressa se alcancem os fins tão justos visados pela numerosa e eficiente classe que é a do professorado primário mineiro.

A professora Leonilda S. Montandon pede um voto de louvor, a ser constado em ata, para a Presidente Alaide Lisboa de Oliveira, pedido que foi aprovado com vibrante salva de palmas.

Essa sessão foi uma amostra brilhante da atividade inteligente e segura que a Associação está desenvolvendo, e o seu progressivo alargamento em número e valor, como bem o demonstraram o número de sócias presentes e as numerosas representações vindas de diversos pontos do interior do Estado, onde grupos de colegas, apoiando a A.P.P., esperam, como tôdas nós, o alcance pleno de nossas aspirações.

# CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

Rua da Baía, 1649 -- Fone 2-0151

Aceita dépósitos nas seguintes contas

***Populares***

***Movimento***

***Prazo fixo***

**Retiradas por meio de cheques**

***SERVIÇO RAPIDO E SEGURO***

**Garantia do Govêrno do Estado de Minas Gerais**

Agências em todos os municípios mineiros

Origem: Doação
Preço: —